REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

| Preços da assignatura | Anno — 36 n.os | Semest. — 18 n.os | Trim. — 9 n.os | N.º á entrega |
|---|---|---|---|---|
| Portugal (franco de porte, m. forte) | 3$800 | 1$900 | $950 | $120 |
| Possessões ultramarinas (idem).... | 4$000 | 2$000 | —$— | —$— |
| Extrang. (união geral doscorreios) | 5$000 | 2$500 | —$— | —$— |

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 759

30 DE JANEIRO DE 1900

**Redacção — Atelier de gravura — Administração**

*Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4*

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.


## CHRONICA OCCIDENTAL

Na quinta feira, 25, deu entrada no Tejo o vapor allemão Konig que conduziu ao reino o valentissimo punhado de bons soldados portuguezes, vencedores do Mataca. Foi um dia de festa, de grande alegria para todos. Melhor diremos para muitos, que as victorias tambem custam muitas lagrimas.

Dois dias depois, retirando do Lazareto, as forças expedicionarias eram transportadas para Lisboa, onde a população victoriou com enthusiasmo os irmãos queridos que, sob o commando do glorioso official, major Manoel de Sousa Machado, vingaram a honra portugueza, offendida pelos barbaros assassinos do desgraçado tenente Valadim.

Contra o regulo poderoso que dispunha de alguns mil homens bem armados e aguerridos, caminhou a expedição, luctando com a escassez dos alimentos, tendo, muita vez, que marchar, em climas hostis, leguas e leguas, para achar uma gota d'agua. Quantos lá ficaram nos campos da batalha! E quantos victimados pelas febres, pela fome e pela sede!

O capitulo d'esta campanha, que mais uma corôa de loiros depõe na haste da bandeira azul e branca, é digno de juntar-se á moderna historia famosa dos feitos portuguezes n'essa Africa, que tanto sangue e tantas vidas já nos tem custado.

O soldado portuguez continua a merecer o epitheto com que o brindaram patricios e estrangeiros, quando das victorias de Marracuene, Coolela, Magul, Majancaze e Chaimite.

A estes nomes podemos agora juntar os d'esses sertões do Kuamba e do Mataca.

Um dia mais de festa tivemos nós. E até o céo se vestiu de galas!

Parece que entrámos já na primavera. Nem uma nuvem em todo o céo azul!

Um sol assim ajuda ao enthusiasmo. Gente como aquella que ha tres dias victoriámos merece bem o sol que Deus nos deu, o sol da patria tão doce e luminoso, tão differente d'aquelle que lá nos sertões requeima as gargantas e gera miasmas nos pantanos.

Que saudades elles haviam de ter do lindo sol da patria!

Eil-os emfim chegados. Bemvindos sejam.

É ao soldado portuguez que maiores alegrias devemos no rodar d'estes ultimos annos escuros. Mais que ás outras nações a ventura nas guerras longes nos tem bafejado. Lembremo-nos do que ainda ha poucos annos succedeu á Hespanha em Cuba, á França em Madagascar, á Italia na Abyssinia.

Mas para que ir tão longe a procurar exemplos? Os telegrammas de hontem ainda nos não contam que houvesse chegado para a Inglaterra a hora de tomar desforra das successivas derrotas que os boers lhe teem infligido. Uma ou outra esperança que, de quando em quando, anima a população de Londres e obriga o povo a passar horas e horas nas proximidades do *War-Office*, breve se desvanece, porque chegam pormenores de grandes perdas, de crueis desastres, de novos erros de tactica. Certos movimentos e ataques apregoados como victorias deram em resultado novas derrotas e maiores desconfianças contra a sciencia dos generaes da muita altiva Inglaterra.

Mas inglezes e boers, todos concordaram em que Portugal merece felicitações pelas brilhantes victorias ultimamente alcançadas. O governo portuguez recebeu telegrammas do alto commissario inglez Sharpe e do sub-secretario de estado da republica sul-africana felicitando-o pela brilhante victoria dos nossos soldados contra a gente do Mataca.

Temos portanto mais um credor á nossa estima enthusiastica, á nossa gratidão de bons filhos d'esta terra: é o major Manoel de Sousa Machado.

É mais um nome que devemos bem guardar na memoria do coração, ao lado de tantos outros que tambem, como elle, nos deram uma pouca de luz de esperança, nos fizeram brilhar nos olhos a mais doce das lagrimas.

Como é bom ter d'estes credores para corações ricos de sentimento e de enthusiasmo!

A historia de Portugal é toda ella cheia de feitos d'armas; guerreiros foram a maior parte dos seus homens illustres. Cabem ás armas portugue-

## A CAMPANHA CONTRA O MATACA

O MAJOR MANOEL DE SOUSA MACHADO — COMMANDANTE DA EXPEDIÇÃO

(Copia de uma photographia do sr. J. M. da Silva)

zas as grandes glorias, desde as lendarias batalhas contra os moiros até ás não menos famosas dos tempos da guerra peninsular e dos modernos tempos em Africa.

Mas nem por isso devemos esquecer outras de luz menos brilhante ás vezes, mas mais suave, mais para descanço gostoso dos olhos.

Como estava determinado, effectuou-se no dia 26, com grande concorrencia de povo e de alumnos das escolas, a collocação da lapide commemorativa do centenario do nascimento de Castilho, na casa da rua de S. Pedro de Alcantara, onde nasceu um dos maiores poetas portuguezes d'este seculo.

A sociedade editora da Empreza da Historia de Portugal publicou um numero unico em homenagem a Castilho, collaborado por muitos dos nossos primeiros escriptores e onde se lêem duas bellissimas quadras, que Victor Hugo, em 1842, dedicou ao poeta portuguez.

No theatro de D. Maria representou-se n'essa noite, pela primeira vez uma comedia que o Visconde de Castilho accommodou á scena portugueza, *Um anjinho da pelle do diabo*. Augusto de Mello recitou os versos *Metamorphoses do macaco*.

Foi uma festa esplendida, que ainda mais uma vez attrahiu para os theatros a attenção do publico.

É que finalmente, depois de tantos mezes de descanço, determinaram as emprezas trabalhar devéras. N'esses longos mezes de verão esteve a Trindade figurando só. Agora succede o contrario. A's vezes, n'uma mesma noite, acham-se em campo dois e trez theatros, atrapalhando os amadores de espectaculos sensacionaes. E' o termo da moda.

Foi assim que no mesmo dia 26, em que no theatro de D. Maria a sala se enchia á cunha com os admiradores de Castilho, no theatro D. Amelia se vendia até o ultimo bilhete, porque o Brazão fazia seu beneficio e a noite havia de ser de festa rija, como foi, e era de justiça.

Na Rua dos Condes representa-se com extraordinario agrado *O Poeta de Xabregas* de Eduardo Schwalback. Escrevendo o nome do auctor é pleonasmo tudo o mais.

Depois de grandes noites em que triumphou Regina Pacini, menos feliz foi agora o theatro de S. Carlos, com a primeira peça nova que este anno apresentou ao publico de Lisboa. A *Bohemia* de Leoncavallo não conseguiu agradar como a sua homonyma predecessora. A fama da violencia com que pela critica de Paris fora recebida a nova peça do famigerado auctor dos *Palhaços*, preparára-lhe mal o terreno.

O libretto foi como o da peça de Puccini extrahido do livro celebre de Henri Murger, *Scenas da Vida de Bohemia*.

Quem pudesse notar na parte musical as dulcissimas harmonias que este nome acorda, com mil saudades, nas almas dos que leram, aos vinte annos, esse extraordinario poema de amor, de alegria e de miseria!

Não ha maestro para tanto. A musica que está lá dentro, está bem guardada n'aquellas paginas, em que a Mocidade ri contente e chora com as primeiras penas, como só ella sabe rir e chorar. Os velhos já não teem forças para gargalhadas nem para chorar teem lagrimas. E capital, que depressa se gasta pela vida fóra.

Querem melhor musica do que a dos versos de Murger?

«*Alors que je voulais choisir une maîtresse*
*Et qu'un jour le hasard fit rencontrer nos pas,*
*J'ai mis entre tes mains mon cœur et ma jeunesse*
*Et je t'ai dit:—Fais-en tout ce que tu voudras.*

E' um poema unico. Qual de nós não considera amigos caros o poeta Rodolpho, o musico Shaunard, o pintor Marcello, o philosopho Colline, a suave Mimi, a doida Muzette? Chorámos e rimos com elles, que mais é preciso para sermos amigos?

E n'uma segunda ou vigesima leitura, passados muitos annos, como elles ainda nos sorriem, doces fantasmas brancos! Que maestro os póde fazer cantar como elles nos cantam?

Toda a vida do homem ali está: risos e lagrimas, um titulo que a tudo cabe n'esta vida.

E' lembrar qualquer facto que se passou.

Esse homem que foi rico, que abriu seus salões opulentos onde reuniu o que havia de mais distincto na sociedade, que foi feliz, porque tinha um nome honrado e benquisto, que conheceu todos os prazeres que dar-nos pódem familia carinhosa e bens do mundo, viu na velhice amargura tão só e solidão e na morte, que tanto os outros assusta, o só remedio contra os males da vida.

E com lagrimas de muitos, que muito bem lhe queriam, o Conde Daupias, morreu sósinho no seu palacio solitario, ao lado da sua fabrica fechada, que antes lhe havia dado todos os bens da fortuna.

Risos e depois lagrimas.

Esse excellente rapaz, que todos estimam em Lisboa, e que, sem fallencia, cada dia que passava accrescentava mais um dito alegre ao vasto repertorio de bons ditos, um dia d'estes chorou tambem lagrimas amargas, das que mais queimam as faces, das que mais angustiam o coração que as represa. Se lhe morreu a mãe...!

Feliz ainda foi elle que tarde teve esse desgosto e porque algum consolo achará talvez na amizade de muitos que lhe querem pelo seu nobre caracter, excellentes qualidades d'alma e educação de seu espirito.

É fallando de José de Figueiredo, que todos conheceram tão alegre e que tão triste agora vive, mais uma vez nos lembramos da tão gasta, e por isso mesmo tão justa, definição da vida.

*João da Camara.*

## AS NOSSAS GRAVURAS

### A CAMPANHA CONTRA O MATACA

*Major Manoel de Sousa Machado*

No dia 27, pelas quatro horas da tarde, desembarcou na ponte do arsenal a expedição commandada pelo valente major Manoel de Sousa Machado.

Era enorme a multidão que estacionava no Largo do Pelourinho e pelas ruas de transito dos heroicos soldados até ao quartel do Largo da Graça, onde se erguia um arco de triumpho e onde foram maiores as ovações.

El-Rei e o sr. Infante D. Affonso foram os primeiros a abraçar o major Machado, entre acclamações da enorme multidão.

Viam-se no arsenal representantes das camaras dos pares, dos deputados, da camara municipal, da sociedade de geographia e muitos militares, anciosos por abraçarem o glorioso collega, entre elles os srs. Ministro da Guerra, Ministro da Marinha, major Mousinho de Albuquerque, etc.

O sr. major Machado, acompanhado por um grande numero de officiaes a cavallo caminhava á frente das suas tropas, ao som do hymno da carta.

Os vivas succederam-se em todo o longo percurso.

Foi uma recepção commovente.

Os soldados mal podiam caminhar entre as ondas do povo.

Aos officiaes reunidos na sala d'armas do quartel da Graça foi servido champagne, sendo o primeiro brinde levantado pelo sr. general Caldeira.

As praças e aos sargentos foi servido um lauto jantar.

O quartel illuminou á noite e durante o dia todo esteve patente ao publico.

Poucas são todas as manifestações com que se pretenda honrar essa meia duzia de heroes, que levaram tão gloriosamente a cabo uma tão difficil missão, como foi a de vencer um dos mais poderosos regulos do Nyassa, que tanto affrontara a nossa bandeira, quando do cruel assassinato do tenente Valadim.

Coube-lhes essa gloria. O major Manoel de Sousa Machado, que os commandou na arriscada empreza, tornou-se digno da consideração de nós todos e nunca serão de mais as manifestações com que tentemos provar-lhe o nosso apreço e o regosijo de que encheu nossos corações com sua brilhante victoria.

Os primeiros serviços que o valente official prestou em Africa, foi como chefe do estado maior, quando da organisação da primeira expedição em 1890. Depois de um anno de permanencia n'aquellas regiões, conhecedor de quanto ellas são inhospitas muita vez e da grande responsabilidade que sobre si tomam os commandantes em sertões, falta de recursos, tomou a seu cargo o commando d'uma força que sahindo da Beira havia de passar por Manica, Gorongosa e Sena para depois descer até Quelimane. Effectuou a viagem, commandando uns setenta e tantos homens, já no principio da estação calmosa e levou-a a cabo, chegando a Quelimane sem que lhe faltasse um só dos seus.

Quando o nomeavam para se ir bater com o Mataca, foi com jubilo que acceitou o espinhosissimo encargo. Modesto, como é, achou forças talvez no seu muito amor á patria e foi porque o dever lh'o impunha.

Gloriosa foi a campanha, digno remate das façanhas que o nome do major Machado haviam tornado celebre e querido, quando da guerra contra o Kuambo.

Não eram então só de temer os pretos que, em numero elevadissimo por trez vezes, em trez dias successivos, 22, 23 e 24 de agosto atacaram os nossos. As faltas de recursos eram assustadoras, As provisões estavam reduzidissimas. A sede atormentava os soldados. Chegaram a andar trinta e cinco kilometros sem encontrar uma gota d'agua. Beberam-a de charcos immundos. Mas venceram por fim.

É um facto verdadeiramente heroico a marcha d'esses soldados desde Milorno até Napulu, onde, no dia 28 de setembro anniversario natalicio dos reis portuguezes, foi inaugurado o forte D. Carlos.

Foi preciso fazer-se uma marcha de quinhentos e cincoenta kilometros entre milhares de difficuldades, cada dia augmentadas pelo extenuamento dos soldados, pela fome, pela sede, pela falta de recursos na ambulancia, que obrigou os officiaes aos maiores sacrificios.

Para combater o Mataca estava portanto indicado um official que de tanta gloria se havia coberto e que, por muito despido de vaidades, não deixára de mostrar o seu altissimo valor e elevadissima competencia para a missão que a elle e a todos seus bravos companheiros havia de encher de immorredoura gloria.

Como foi levada a cabo essa empreza de todos é já sabido.

A campanha do Mataca deu origem a dois cordealissimos telegrammas enviados ao governador geral de Moçambique pelo secretario de estado da republica sul-africana e pelo alto commissario inglez.

Ambos celebram o alto feito praticado pelo valente official portuguez.

Boers e inglezes bem conheciam as forças de que dispunha o nosso terrivel inimigo, vaidoso desde que vencêra a expedição que, commandada pelo tenente Valadim, se atrevêra a penetrar nos terrenos do Nyassa, desde ha tão poucos annos conhecidos de europeus.

As forças que derrotaram o Mataca, segundo as notas de um dos expedicionarios, foram:

Artilheria, 2 officiaes, 1 sargento e 20 cabos e soldados.

Infanteria 5, 7 officiaes, 5 sargentos e 75 cabos e soldados; cavallaria 6, 1 medico, 1 veterinario, 1 sargento e 2 soldados; administração militar: 1.ª companhia, 1 cabo e 1 soldado; exercito da provincia de Moçambique, 82 soldados indigenas, 2 sargentos, 4 officiaes e 4 praças do corpo de policia de Lourenço Marques.

A força era muito diminuta, attendendo á grande importancia do regulo.

Durante as operações contra este regulo deram-se o combate de Namatanda, em 16 de outubro, uma acção e um encontro no dia seguinte, terminando as operações pelo incendio da povoação do mesmo regulo, que era enorme, calculando-se ter 5 a 6:000 palhotas, bem construidas e pintadas, e que se effectuou no dia 21 de outubro.

Não se realisou a prisão d'este regulo devido aos accidentes do terreno, á reducção da força e á falta de generos alimenticios, que a impossibilitavam de permanecer ali por muito tempo.

A este respeito recortamos de uma entrevista com o major Machado do nosso presado collega o *Futuro*, de Lourenço Marques, os seguintes interessantes pormenores:

«— V. Ex.ª, dissemos nós, devia ter passado bocados bem amargos e privações duras.

— É facto, disse-nos elle com um sorriso, que passei bem maus bocados. Os meus soldados adoeciam: havia falta de agua e sal. V.... não póde bem comprehender a falta que o sal faz. Estivemos 20 dias a arroz com bacalhau, este para salgar o arroz. Já não podiamos nem vêr a caça, que se nos tornava enjoativa, pelo seu sabor adocicado e insonso

«As aguas eram, quando as havia, pantanosas e estagnadas. Quando se acabou o bacalhau, disse aos meus soldados que era preciso passar uns dias sem sal; elles, coitados, que, como é de prever, já estavam extenuados, sorriam-se e responderam com a heroicidade dos simples:

— Paciencia, meu commandante, cá nos havemos de arranjar e nunca o mal seja peior.

Perguntámos então: Não notou desanimo nos seus homens?

— Não, senhor. V., nem ninguem, calcula o que seja uma marcha de 8 a 9 horas por dia, sob um calor humido e cheio de privações. E, apesar d'isso, estavam sempre promptos para todo o serviço. Para o comprovar, vou-lhe contar uma que nos succedeu.

«O comboio dos viveres vinha atraz da columna umas 2 ou 3 horas, escoltado por uma pequena força. Depois de um dia de marcha, acampámos, e, como fosse tarde e eu receiasse algum ataque, disse a um official que fosse com uma força buscal-o e reforçar a escolta. Pois meu caro senhor só visto: os doentes que estavam nas maxillas, saltaram abaixo d'ellas, e, tremulos, queriam á fina força fazer parte da escolta. Se deixo ir todos os que queriam ir, ia a columna toda, esquecendo a doença. Só visto.»

A columna retirou em direcção ao Chinde, onde chegou em 30 de novembro.

A retirada fez-se rapida e sem novidade, á excepção da passagem de um grande pantano proximo de Malange, que as chuvas torrenciaes dos ultimos dias, sob as quaes a columna marchou, o tornaram n'uma perfeita lagôa.

Em Lourenço Marques os expedicionarios embarcaram no vapor allemão *Konig*, no dia 19 de dezembro ultimo.

A força que desembarcou foi a seguinte: major Machado, alferes-ajudante Costa, cirurgião ajudante Ponces e Sanches, tenentes Pestana Leitão, Camacho e Alberto Salgado; alferes Climaco e Sousa Andrade; 1.º sargento Jesus Caeiro; 2.os sargentos Pinto Gomes, Ramos, Assumpção e Maia; corneteiros 2, cabos e soldados 71.

Artilheria 6, 1.º tenente Isaac Pinto, 2.º tenente Tudella e Napoles, 2.º sargento João Pereira, ferrador 1, clarim 1, cabos e soldados 18.

Cavallaria 6, cirurgião-ajudante Alvaro Martins, veterinario Moraes Sarmento, cabos e soldados 2.

2.ª companhia da administração militar, aspirante com a graduação de tenente Castello Branco, cabos e soldados 2; 1.ª companhia da mesma administração, 1 1.º cabo

Durante a campanha falleceu o pessoal seguinte: capitão de infanteria 5 Braklamy, 3 soldados e um 1.º cabo afogado no rio Ruao; artilheria e e um 2.º cabo e um soldado.

Segundo as noticias officiaes foram 410 os prisioneiros de guerra que vieram com a columna, além de 1:000 naturaes do paiz, que se entregaram voluntariamente.

Em combate não foi ferida praça alguma. Explicando este facto interrogou ainda o redactor do *Futuro* na alludida entrevista:

«— Quantos soldados brancos morreram, afinal?

— Cinco: dos quaes 4 de doença e um na bocca de um crocodilo, porque teimou em se banhar.

— E o desditoso capitão Braklamy!

— Isso foi o maior desgosto que eu tive. Teve febre tão intensa que resistiu a 2 grammas e meio de quinino. Lá ficou, o pobre. Toda a expedição sentiu immenso.

— E na guerra não houve mortos?

— Não, e ainda que alguem o tenha achado extraordinario, eu não o acho porque o meu maior cuidado foi evitar baixas. Dispunha as coisas de modo que os meus soldados se não expuzessem e considero-me feliz por o ter conseguido: e creio que não tinha outra coisa a fazer, primeiro por dever de humanidade e segundo porque eu não podia perder soldados, que me era impossivel substituir. E se d'alguma coisa tenho que orgulhar-me, foi de conseguir o desideratum. De resto, para alguma coisa servem a disciplina e as armas aperfeiçoadas.»

Devem ter sido levados á assignatura regia no dia 25 os decretos conferindo a mercê do grão de commendador de Torre e Espada ao sr. governador geral da provincia de Moçambique, que dirigiu as operações contra o Mataca, e ao heroico official portuguez, Sousa Machado, que tão gloriosamente commandou as forças que subjugaram o famoso regulo.

Victimados pelas febres, pelo cançasso ou pelas balas do inimigo, muitos ficaram nos desertos de Africa; outros voltaram com a saude arruinada, depois de tantos mezes de fadigas em climas inhospitos. Mas todos mantiveram as tradições do exercito portuguez e juntaram nova brilhante pagina á historia das modernas campanhas, que os descendentes dos heroes da India, dignos netos de taes homens illustres, encetaram honrosamente, continuaram cheios de brio, e, cheios de gloria regressaram.

Gloria pois, mais uma vez, ao denodado commandante dos heroicos soldados que hastearam victoriosamente a querida bandeira em Kuambo e em Mataca. É mais um nome para escrever com lettras d'oiro. Gloria ao major Manoel de Sousa Machado.

## Ruinas do Convento do Carmo, em Lisboa

(Concluido do n.º 757)

E construia-se trigosamente. As difficuldades eram constantes e enormes. As paredes abriam fendas, pelo resvaladiço do terreno, revolucionado em velhas tempestades geologicas. Os alicerces corriam. A obra parecia chimera. Levantar uma cathedral no alto de um monte, era o mesmo que erguer o templo da virtude santa sobre a montanha dos vicios humanos, tambem revolucionada pelos temporaes do desenfreamento mediaval, resvaladiça e esboroante. Todavia, como teimara, vencera; como tivera fé, triumphara. Ahi estava o reino libertado pela monarchia nova, Portugal renascido, para o attestar. Por isso Nun'Alvares teimava, insistia.

Quando foi do casamento da filha, já as obras duravam havia tres annos. Começara a construcção pela abside, avançando como prôa de uma não na baixa do Rocio. Levantava-se o templo sobre uma muralha, cuja altura vertiginosa enchia talvez ainda mais de pasmo quem a observava, do que a altura magnifica das acções do Condestavel — do que, decerto, a elevação sem limites das suas aspirações grandiosas, fuste de arvore infinita a que não era dado ver a copa, fundida nas illuminações do céo.

Começara se pela abside, mas quanta pedra os carrejões vasavam na valla aberta dos alicerces, toda se sumia, sorvida pelos olhos do terreno, ou correndo nos lizos e escorregadios pela clivagem, stratos torturados nas sublevações geologicas. Duas vezes começaram a erguer-se os muros, duas vezes vieram a terra; mas quantas vezes não vira o condestavel desmoronar-se o edificio das suas ambições, antes de as realisar?

Pois a pedra vil e bruta poderia mais do que braços de homens e corações de gente? Se as pedras alluiam, faria de bronze os alicerces: de bronze era a vontade que o movia. Recusavam-se os alvanéos e os peões a trabalhar apavoridos com os desabamentos constantes? Augmentava-lhes os salarios: os serventes chegaram a dez reaes, os officiaes a treze, os mestres a trinta. Verdade é que a moeda estava depreciadissima com as alterações successivas. Depois das duas derrocadas, principiaram terceiros alicerces, trazendo-os desde a raiz do monte comprimido no muro de supporte escalonado. Oito annos durou a obra nas fundações, sobre que se erguia solidamente, afinal, a abside do templo; mas quando começaram com a nave, a face do sul cedeu, contra as ruinas do palacio do Almirante. O terreno, esboroadiço tambem n'essa vertente, não tinha consistencia; o cunhal da fachada mostrava uma grande fenda; era indispensavel aguentar a fabrica por meio de gigantes botaréos, e para isso o condestavel comprou então á irmã o terreno adjacente, arrazando as ruinas do palacio do Pessanha, seu cunhado.

Em Moura travara Nun'Alvares estreitas relações com os frades da ordem do Carmo, que ahi tinham o seu capitulo. Os rigores e penitencia monastica da regra que o patriarcha de Jerusalem S. Alberto deixara em testamento ao segundo geral dos latinos, São Brocardo captivava o espirito arrebatado do condestavel. No convento de Moura professara, depois da paz, João Gonsalves, seu antigo meirinho, a quem doara a villa do Arco-do-Baulhe, e varias quintas. Fr. Affonso da Alfama, o vigario geral dos carmelitas portuguezes em Moura, era pessoa da sua maior estima. Escreveu-lhe, portanto, de Lisboa, a pedir-lhe, em cumprimento de promessas anteriores, um descamento de monges que viessem tomar conta do convento, embora as obras da egreja não estivessem ainda terminadas. Viessem portuguezes exclusivamente. O sustento e manutenção da communidade e do culto ficariam por conta d'elle, condestavel. Os bens que a mercê do rei lhe doara considerava-os um emprestimo de que por partes ia fazendo a restituição; primeiro aos companheiros d'armas, depois ao genro, agora aos frades, isto é, á Virgem. Para prior da nova communidade destacada de Moura, indicava o dr. fr. Gomes de Santa Maria, que conhecera muito.

Installados os frades, aos tres annos depois de casada a filha, dotou a egreja com as propriedades que julgou necessarias á manutenção do culto: a quinta da Alcaidaria; Ourem com os bens de Pombal, Leiria, Thomar e tudo o mais que fôra do conde de Andeiro — essa herança incommodava-o: santificava-a em expiação dos crimes alheios — as propriedades do judeu D. David Negro, primeira dadiva que el rei lhe fizera, mais o moinho do Corroios em Almada e os esteiros da Algenoa, da Ancora e Arrentela.

Dotado, guarnecido de monges, alçado em triumpho sobre Lisboa, na sua metade nova, o templo da Virgem erguia-se como um hymno cujas estrophes eram as agulhas, as laçadas de pedra, as rendas das janellas esguias por onde a luz colorida se insinuava mysticamente no interior da nave altissima. Esse templo parecia um baluarte. A abside orientada, avançando como rostro no Rocio, erguida sobre a muralha em socalcos successivos, destacava-se dos cinco corpos semi-circulares que sahiam da terra como fustes de arvores cyclopeas, por entre pilares reforçados de cantaria, assentes sobre escarpas. Pelo norte ladeava o templo, descendo a escada da Piedade com a sua antiga capella; no topo seguia a travessa da Egreja. Sobre o poente abria-se a porta ogival da fachada, com seis arcos sobre columnas com capiteis lavrados em folhagens, mais baixa do que a praça segundo a regra, descendo-se para ella por doze degráos de pedra. Sobre a porta, a rosa envidraçada, como olho de um gigante, reflectia os raios do sol; e no azul do céo, os dentes das ameias, coroando a fabrica inteira, cravavam-se no espaço repetidamente.

Transposto o adito, a egreja na sua amplidão solemne, abria-se em tres naves arrojadas egualmente para o alto, e os fustes dos cinco pilares, de cada lado, desabrochando em artezões, subiam ogivalmenre nas abobadas, rematando e fundindo-se no ponto altissimo e indecisamente obscuro em que rutilavam como estrellas, em escudetes de pedra, as imagem da bandeira sagrada do condestavel. Na grande abobada do cruzeiro rematava o artezoado o escudo das armas do fundador com a sua cruz floreteada; e adiante ao centro da abside, n'uma apotheose, erguia-se n'um throno a estatua da Virgem com o filho ao collo, do lado esquerdo, tendo na mão direita uma vela sempre accesa, e pendente do braço o escapulario carmelita que ella dera, de mão a mão, ao prior da ordem em Inglaterra. De joelhos, em frente, a communidade orava; e no meio dos frades o condestavel, indeciso ainda entre o claustro e o mundo, sentia-se apossado de um enternecimento doce, mixto de amor e orgulho da alma contente comsigo.

O templo erguera-se, a obra rematava-se; mas um dia, mais de trez seculos depois, o chão tremeu e cahiram por terra as ogivas e as ameias — toda a fabrica! Tambem o maravilhoso edificio do Portugal de Aviz, fôra derruido por um terramoto anterior. Desabou tudo: a nação e o templo! Obras do heroismo ambas, filhas da vontade humana que tudo submette ao seu imperio, os homens varios e a terra movediça, eram por isso mesmo transitorias e morredouras, como tudo quanto é humano. Só duram eternamente as obras da natureza. Templo e nação subverteu-os a terra n'um momento de tedio, espreguiçando-se. E quando as pedras das abobadas correram torrencialmente sobre os altares illuminados no dia de Todos os Santos (1755), o incendio ateou-se e a chamma devorou o que terremoto poupara. É que no coração do templo nacional, na alma precursora do condestavel ardia a chamma mysticamente devoradora que havia de consumir-nos, reduzindo-nos a cinza, muito antes que o incendio pulverisasse as alfaias e as colgaduras do templo magnifico de Nuno Alvares. D'elle e da patria resta apenas o esqueleto...»

## ANNIVERSARIO LUTUOSO

Em 29 de dezembro de 1896, deixou de existir no numero dos vivos um homem organicamente debil, moralmente singular e intellectualmente superior, Guilherme Moniz Barreto.

Mantive com elle relações intimas, e por isso, quando passa o dia que assignala o seu desapparecimento, sinto-me invadir de tristeza e de saudade.

É esta a herança nostalgica da dôr legada por aquelles que partiram para a viagem eterna aos amigos que ficam esperando a sua hora do silencio tumular.

Ao saber que tinha fallecido o Guilherme tracei as linhas seguintes que vou aqui reproduzir como homenagem de gratidão á sua memoria sempre lembrada e querida para mim.

Devo porém dizer antes, para melhor intelligencia dos leitores, que ellas viram a luz da publicidade nas columnas do *Correio Nacional* em

31 d'aquelle mez, isto é dois dias depois de se haver finado o meu amigo:

«Quanto não devem ser tristes as festas do Natal para aquelles que da opulencia se vêem deslizar para o abysmo de miseria!»

*E. N.*

Lia e meditava este pensamento cheio de verdade quando uma pessoa de familia me deu a noticia da morte de Moniz Barreto, em Paris.

Não o posso applicar rigorosamente a Barreto; é porém certo que elle nunca compartilhou das

Matriculou-se depois no Curso Superior de Lettras, tendo posto de parte, por difficuldades pecuniarias a idéa de seguir estudos na Universidade.

Por essa epoca, obteve um logar de pouco rendimento na secretaria do lyceu, e chegou, sendo ainda alumno, a ensinar sanskrito a condiscipulos.

No curso, frequentou as aulas sem quasi chamar a attenção de ninguem, até que um dia o lente Ex.mo Conselheiro Jayme Moniz, estando a dar explicação que versava sobre anthropologia e passeando a vista pelos alumnos, foi impressionado pela configuração da cabeça de Barreto.

A physionomia e a figura d'este, constituindo

O conselheiro Rodrigues, do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, apezar de não ter ainda maior intimidade com Moniz Barreto, disse-me a seu respeito na sua ultima passagem por Lisboa, de regresso ao Brazil: «deve escrever livros, é proprio a obras de largo folego».

Luctou constantemente com falta de saude e de meios, occupando quartos em terceiros andares, como no Caes do Sodré e nas ruas dos Mastros e da Victoria ou da Assumpção.

O alojamento mais confortavel em que habitou foi na rua da Procissão, em casa d'umas senhoras edosas, a quem creio que o ligavam laços remotos de parentesco.

# A campanha contra o Mataca

GRUPO DE OFFICIAES DA EXPEDIÇÃO

1. Tenente Jorge Perestrello Pestana Velloso Camacho. — 2. Alferes Fernando Adolpho da Costa. — 3. Alferes João Pedro Climaco Marques
4. Major Manoel de Sousa Machado
5. Capitão Affonso Braklamy. — 6. Alferes Alberto Salgado

alegrias intimas de familia, e nem sequer conheceu a opulencia.

Acaba assim de extinguir-se nas voragens da morte uma intelligencia lucida e potente, servida por memoria prodigiosa.

A mim e ao meu particular amigo dr. João de Souza Vilhena, actualmente juiz de direito em Agueda, dizia-nos uma tarde quando esteve em Caparica o extincto João de Deus, poeta do amor e das creanças: «o Barreto sabe tudo quanto se pode saber».

Moniz Barreto, cuja edade devia regular por 33 a 34 annos, nascera em Gôa, tendo vindo para Lisboa ha 16 annos pouco mais ou menos.

Conhecia-o desde a aula de philosophia, regida pelo intelligente e distincto professor Agostinho de Carvalho, admirador profundo do seu talento.

um ser rachitico, não correspondiam de modo algum á capacidade intellectual de que dispunha, e que só fixando-o se poderia suspeitar pelo brilho estranho do seu olhar.

Foi quando terminou os trabalhos academicos que abraçara, que conseguiu o emprego das bibliothecas municipaes, que exerceu até ha poucos annos.

Estava elle na annexa á escola da rua da Inveja, quando um amigo meu, o estudioso padre João Antonio Fidalgo, por indicação minha e apresentado por meio de carta, o procurou para o consultar sobre livros; dias depois, encontrando-me com o referido sacerdote, disse-me tel-o ouvido discretear ácerca do Christianismo com tal profundeza de conhecimentos, que o deixou verdadeiramente maravilhado.

Vi-o muitas vezes fazer o proprio almoço, e uma ou outra occasião notei-lhe certo desanimo: não obstante todas as contrariedades da vida, a sua alma era sempre boa e o seu caracter sempre digno.

Escriptor de primeira ordem e critico finissimo, apenas publicou em volumes o *Estudo psychologico de Oliveira Martins* e *Carta a El-Rei.*

Parece-me que escreveu esta ultima por occasião da sua estada no Algarve, pouco tempo antes de ir ao Brazil.

Enriqueceu, porém, com os productos admiraveis do seu talento e do seu saber as paginas da *Revista de Portugal* e as columnas de muitos jornaes estrangeiros e nacionaes, entre os quaes agora me lembro do *Reporter* e do *Tempo.*

Ainda no numero d'este ultimo de sexta-feira

25 do corrente, cujo artigo edictorial—*A situação em França*—datado em Paris no dia 12, é firmado por elle, vem a seguinte local, que transcrevo com a devida venia:

«Encetamos hoje a publicação de uma série de artigos sobre politica estrangeira, assignados pelo distinctissimo publicista sr. Moniz Barreto.

«O *Tempo* honra-se muito em inserir nas suas columnas os escriptos do abalisado homem de lettras e agradece tão valiosa collaboração».

Descança, pois, amigo que foste, ahi na cidade theatro de tantos contrastes e que tinhas escolhido para fixar residencia! Durma o teu corpo no seio da mãe commum, onde já nenhumas penas podem magual-o, e paire a tua alma immortal na presença de Deus, que a dotou com tão pujantes faculdades.

A tua vida terrena, que acabou hontem, não te permittiu que visses inaugurar o novo anno; mas a transição que se operou para o teu espirito, compensou-te de sobra no Infinito a perda miseravel d'este mundo de baldões.

Conheces agora todo o mysterio d'além-campa, que constitue o desespero de tantos sabios e pensadores, que pretendem desvendal-o ainda na vida.

Adeus, ora tambem por mim; emquanto tu gosas talvez da visão beatifica, felicidade suprema dos justos vou eu caminhando n'este valle de lagrimas só amparado na amisade d'aquelles que me são caros e pela crença no Deus que fez luzir nos céos do Oriente a estrella miraculosa que guiou até ao berço de Jesus os magos adoradores.»

Seja-me permittido agora registar tambem integralmente nas paginas d'esta revista illustrada os versos celebres que constituem o *Dialogo na sombra:*

Estavam frente a frente a forca e o algoz:
Confrontação sinistra e tragica. Era apoz
um dia de justiça, e o poste inda escorria
as gotas do suor gelido da agonia.
Nem um astro sequer no firmamento em luto.
O vento esfacellando a flôr, rasgando o fructo
tinha o gume brutal e o fremito sombrio.
do bisturi que vae, inexoravel, frio,
devassando n'um seio os mysterios do amor.

Dialogavam os dois em meio d'esse horror:

— O' homens que sois maus! — disse o poste — A' floresta,
onde ardente e febril rumorejava a festa,
as limpidas canções, os palpitantes ninhos,
fostes cortar a forca, a cruz, os pelourinhos;
vós manchastes com sangue o florescente esgalho
que Deus tinha banhado em lagrimas de orvalho.
Pela arvore d'outr'ora, a cujas verdes franças
trepava gorgeando o bando das creanças

RUINAS DO CONVENTO DO CARMO EM LISBOA — VISTA INTERIOR

Moniz Barreto não era apenas um bello prosador; o seu espirito, mais dado ás altas questões da philosophia, não renegava tambem a arte de Camões, e entre outros escriptos versificados deixou a poesia *Dialogo na sombra*, realmente scintillante de superior inspiração.

Tal é a traços largos a biographia de Guilherme Moniz Barreto, nascido na India, vaporosa e sonhadora, e fallecido na Babylonia da actualidade, a Paris do Sena, que já tem assistido á apotheose de tantos grandes homens e ao desenlace final de dramas tristissimos.

que estremecem ao ver uma amendoa, uma noz
trepas agora tu, a quem chamam algoz
e vens co'ber em mim cadaveres gelados.
Na fresca profundez dos matagaes cerrados,
eu hauria contente o ar e a luz do dia;
hoje só bebo sangue e o suor da agonia.
«O' floresta natal! da murmura verdura
que enchia com seus sons os echos da espessura
não resta mais do que isto: um poste funerario,
ensanguentado, nú infame, solitario!»
Gemiam na planicie as gutturaes rajadas.

— O' filho — disse o algoz — das selvas perfumadas!
Como tu conheci a doçura dos ninhos,
o elastico trilar de alegres passarinhos,
a fresquidão do orvalho, os arômas da flôr,
os mimos maternaes, os extasis do amor;
treparam por minha alma as doidas esperanças
como por ti, ó tronco, os bandos das creanças.

Hoje sou um sinistro e lugubre animal
Da fauna do sepulchro; o estatuario brutal.
Da morte que cinzella o esqueleto mirrado
A golpes de cutello, o trapo enlameado
Onde a Lei vem limpar as nodoas do Crime.
Minha alma verga ao peso atroz do horror que a opprime,
como vergas tu mesmo ao peso do enforcado
Mas não fui sempre assim, ó poste desolado!
Transformou me tambem esse braço feroz
Que extrahe da arvore a forca e do homem o algoz.»

Se esta poesia só por si não basta a firmar a reputação d'um litterato, revela comtudo um engenho acima do vulgar e é titulo documentado e authentico perante os espiritos cultos.

*D. Francisco de Noronha.*

---

# O INTERSIGNO

PELO CONDE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM

(Continuado do n.º 757)

A affectuosa commoção das primeiras palavras e a melancolia do passado opprimiram-nos por algum tempo a mim e ao abbade.

Nanon trouxe-nos o candeeiro e disse-nos que a ceia estava na mesa.

— Meu caro Maucombe, disse eu tomando lhe o braço para descermos, é coisa eterna a amizade intellectual e vejo que partilhamos este sentimento.

— Ha espiritos christãos de muito proximo parentesco divino, respondeu-me elle. É assim. No mundo ha crenças menos rasoaveis pelas quaes partidarios existem que sacrificam sangue, ventura e deveres. São uns fanaticos! terminou elle sorrindo. Escolhamos para nossa fé a mais util, visto como somos livres e havemos de ser o que a fé quizer.

— A verdade é que grande mysterio já é que dois e dois sejam quatro.

Entrámos na casa de jantar. Durante a ceia, o abbade, depois de me haver censurado com muita doçura, o havel-o esquecido por tanto tempo, poz me ao corrente do espirito da aldeia.

Falou-me da terra e contou-me duas ou tres historias referentes ás castellãs dos arredores.

Contou-me suas proezas pessoaes de caçador e seus triumphos á pesca. Emfim, foi d'uma affabilidade e d'uma viveza encantadora.

Nanon, mensageira rapida, rodava, multiplicava-se em volta de nós e a sua immensa touca parecia azas a baterem.

Ao ver-me fazer um cigarro ao café, Maucombe, que fôra official de dragões, seguiu-me o exemplo; o silencio das primeiras fumaças tendo-nos surprehendido em nossos pensamentos, puz-me a olhar attentamente para o meu hospedeiro.

O padre era homem dos seus quarenta e cinco annos e de avantajada estatura Longos cabellos grisalhos emmolduravam-lhe em seus anneis o rosto magro e forte. Brilhava-lhe nos olhos uma intelligencia mystica. Tinha umas feições regulares e austeras; o corpo esbelto resistia ao vergar dos annos: ficava-lhe bem a longa sotaina. Suas palavras cheias de sabedoria e de suavidade soavam n'uma voz bem timbrada que sahia d'uns pulmões excellentes. Parecia, emfim, ter uma saude magnifica: pouco o haviam affectado os annos.

Mandou-me entrar na sua pequenina sala-bibliotheca.

A falta de somno em viagem predispõe para os calafrios; a tarde era muito fria, vanguarda do inverno. Logo que um braçado de vides ardeu em frente dos meus joelhos, entre dois ou tres cepos, achei-me mais aconchegado.

Com os pés nos ferros, repotreados em nossas poltronas de coiro brunido, naturalmente falámos de Deus.

Estava cançado; ouvia sem responder.

— Em conclusão, disse-me Maucombe levantando-se, estamos aqui para testemunhar, — por nossas acções, pensamentos, palavras e nossa lucta contra a Natureza, — para testemunhar *se pesamos o peso.*

E terminou citando Joseph de Maistre: «Entre o Homem e Deus só se interpõe o Orgulho.«

— Não obstante isso, disse-lhe eu, temos a honra de viver (nós, meninos mimosos d'essa Natureza) n'um seculo de luzes?

— Devemos preferir-lhe a luz dos seculos, respondeu-me elle, sorrindo-se.

Chegámos ao patamar, cada qual com seu castiçal na mão.

Um longo corredor, parallelo ao do andar de baixo, separava o quarto que me fôra destinado do quarto do meu hospedeiro. Insistiu para elle mesmo me installar. Entrámos; olhou para ver se nada me faltava e como, approximados, apertavamos as mãos e davamos as boas noites, um vivo clarão da minha vela illuminou-lhe o rosto. — D'essa vez estremeci.

Era pois um agonisante que ali estava de pé, junto d'aquelle leito? O rosto que ali via na minha frente, não era, não podia ser o que eu havia visto á ceia! Ou, pelo menos, se vagamente o reconhecia, parecia-me que, na realidade, nunca o havia visto senão agora. Uma só reflexão fará com que me percebam: o abbade dava me, humanamente, a *segunda* sensação que, por obscura correspondencia, sua casa me havia feito experimentar.

A cabeça que eu contemplatava era grave, muito pallida, d'uma pallidez mortal e baixava as palpebras. Esquecer se-hia de que eu estava alí? Estaria resando? Porque o via eu assim? — Tão repentina solemnidade revestira toda a sua pessoa, que eu fechei os olhos. Quando os tornei a abrir, passado um segundo, o bom abbade ainda ali estava, — mas agora reconhecia-o eu! — Ora ainda bem! Toda inquietação se dissipou com aquelle sorriso amigo. A impressão não durára o tempo de fazer uma pergunta Fôra uma surpreza, como quem diz uma allucinação.

Maucombe, pela segunda vez, deu-me as boas noites e retirou se.

Logo que me vi só:

— Um somno profundo é que me convem, pensei.

E logo me puz a meditar na Morte; ergui minh'alma a Deus e metti-me na cama.

É exquisito que um extremo cançasso impeça o somno immediato. Todos os caçadores o sabem. É coisa notoria.

Cnidava que adormeceria depressa e profundamente. Fundára optimas esperanças n'uma noite muito boa. Mas, ao cabo de dez minutos, reconheci que o meu incommodo nervoso não queria socegar. Ouvia uns tic-taques, uns rangidos pequenos nas madeiras e nas paredes. A cada bulha imperceptivel da noite respondia todo o meu ser por uma acção electrica.

Os ramos negros no jardim roçavam uns pelos outros. A cada instante as hastes das hervas batiam me á vidraça. Tinha sobretudo o ouvido apurado como o dos que morrem de fome.

— Tomei duas chicaras de café, pensei. Deve ser por isso.

E, com o cotovello encostado á almofada, puz-me a olhar, obstinadamente para a vela, que ardia sobre a mesa, ao pé de mim. Olhava fito para ella, entre os cilios, com aquella intensa attenção que dá aos olhares a absoluta distracção do pensamento.

Uma piasinha de agua benta, de porcelana colorida, com seu ramo de buxo, estava pendurada á minha cabeceira. Molhei de repente as palpebras com a agua benta, procurando refrescal as. Depois apaguei a vela e fechei os olhos. Approximava-se o somno: aquietava-se a febre.

Estava quasi a adormecer.

Tres pancadas secas, imperiosas, bateram á minha porta.

— Hein? disse, em sobresalto.

E percebi então que já havia principiado meu primeiro somno. Não sabia onde estava. Julgava-me em Paris. Ha uns certos descanços que dão esta risivel sorte de esquecimento. E, quasi logo, havendo perdido de vista a causa principal do meu acordar, estirei-me voluptuosamente, em completa inconsciencia da situação.

— Mas a proposito! disse de repente comigo: bateram! — Que visita agora...

Veio-me ao espirito, n'este ponto da minha frase, a noção confusa e obscura de que já não estava em Paris, mas n'um presbyterio da Bretanha, em casa do abbade Maucombe.

N'um prompto saltei para o meio da casa.

Minha primeira impressão, ao mesmo tempo que a do frio nos pés, foi a d'uma luz vivissima. A lua cheia fulgurava, em frente da janella, por cima da egreja, e, atravez as cortinas brancas recortava um angulo de chamma deserta e pallida no sobrado.

Devia ser meia noite.

Eram morbidas as minhas idéas. Que seria? Era extroardinaria a sombra.

Ao approximar-me da porta, vi uma nodoa esbraseada, entrando pelo buraco da chave, errante sobre a minha mão e a minha manga.

Alguem estava por detraz da porta: alguem realmente havia batido.

Entretanto, a dois passos do feixo, quedei-me repentinamente.

Era uma coisa que me surprehendia: a *natureza* d'essa nodoa que corria pela minha mão. Era um clarão gelado, sangrento, que não dava luz. — Por outro lado, como era possivel que eu não visse nenhuma linha de luz sob a porta, no corredor? — Em verdade, o que entrava pelo buraco da fechadura causava-me a impressão do olhar phosphorico d'um mocho.

N'este momento soaram, fóra, as horas, na egreja, no vento nocturno.

— Quem está ahi? perguntei em voz baixa.

O clarão apagou-se: — ia para approximar-me...

Mas a porta abriu-se por si, de par em par, lentamente, silenciosamente.

No corredor, na minha frente, estava de pé um vulto alto e negro — um padre, com um chapeu de trez bicos na cabeça. Todo elle, á excepção do rosto, era illuminado pela lua: só via o lume de suas pupillas que me consideravam com solemne fixidez.

Um sopro do outro mundo envolvia o visitante e o seu aspecto opprimia-me a alma. Em silencio contemplei a afflictiva personagem, paralysado por um pavor que instantaneamente se avolumou até ao paroxysmo.

De repente o padre ergueu para mim o braço com lentidão. Mostrava-me uma coisa pesada e indecisa. Era um manto. Um grande manto negro, nm manto de viagem. Estendia-m'o como para m'o offerecer.

Fechei os olhos para não vêr aquillo. Não queria, não queria vêr aquillo! Mas uma ave nocturna, dando um grito horrivel, passou entre nós, e o vento de suas azas, roçando me pelas palpebras, fez me abrir os olhos. Senti-o esvoaçar pelo quarto.

— Então — com o estertor d'uma angustia, por que nem para gritar tinha forças — empurrei a porta com as mãos torcidas e estendidas e dei á chave uma volta, frenetico e de cabellos erriçados.

Coisa singular! Pareceu-me que nada d'isso fazia bulha.

Era mais do que podia supportar o organismo. Acordei. Estava sentado na cama, com os braços estendidos para a frente; estava gelado; corria-me o suor pela testa; batia-me o coração contra as paredes do peito violentas pancadas sombrias.

— Ah! disse eu. Que sonho horrivel!

Mas ainda assim subsistia minha indomavel angustia. Foi-me preciso mais do que um minuto para me *atrever* a mexer o braço, á procura dos phosphoros: receava sentir na escuridão uma mão fria pegar na minha e apertal-a amigavelmente.

Tive um movimento nervoso quando senti o phosphoro ranger sob os meus dedos no ferro do castiçal. Reaccendi a vela.

Logo me senti melhor; a luz, vibração divina, torna differentes os meios funebres e consola dos máus terrores.

Decidi-me a beber um copo d'agua fria para voltar inteiramente a mim e saltei da cama.

Passando em frente da janella, notei uma coisa: a lua era tal qual a do meu pesadelo, embora eu a não tivesse visto antes de metter-me na cama, e, indo, de vela na mão, examinar a fechadura da porta, reparei que haviam dado uma volta á chave, *por dentro,* coisa que eu não fizera antes de adormecer.

Ao descobrir tal, lancei um olhar em volta. Começava a parecer-me que tudo aquillo revestia uma feição insolita. Tornei-me a deitar, sentei me na cama, procurei socegar, tentando provar a mim mesmo que tudo se resumia n'um ataque de somnambulismo muito lucido. Mas não havia meio de socegar. Entretanto foi-me o cançasso tomando, como uma onda, posse de mim, acalentou meus negros pensamentos e, em meio da minha angustia, adormeceu-me de repente.

Quando acordei, brilhava no meu quarto um lindo raio de sol.

Era uma manhã criadora. O relogio pendurado

á cabeceira marcava dez horas. Ora para nos reconfortar nada melhor que o dia, o sol radiante, sobretudo se sentimos os perfumes lá de fóra e quando nas arvores do campo sopra um vento fresco e sobre o matto espinhoso e os fossos cobertos de flôres que a aurora humedeceu.

Vesti-me á pressa, já de todo esquecido do sombrio principio da minha noite.

Desci, completamente reanimado por repetidas abluções de agua fresca.

O abbade Maucombe estava na casa de jantar. Sentado em frente da mesa já posta, lia um jornal, á minha espera.

Apertámo-nos as mãos.

— Passou bem a noite, caro Xavier? perguntou-me.

— Optimamente! respondi, distrahido, por este costume que a gente tem, e sem ligar a minima importancia ao que dizia.

A verdade é que eu tinha fome; eis o caso

Entrou a Manon, trazendo-nos o almoço.

Emquanto comemos, conversámos recolhidamente e a um tempo alegremente: só quem vive santamente conhece a alegria e sabe communical-a.

De repente lembrei-me do sonho.

— A proposito, meu caro abbade, lembro-me um sonho exquisito que tive esta noite .. tão extranho... como devo eu classifical-o?... espantoso? pasmoso? horrivel?.. Como queira. Vai ouvir.

E, descascando uma maçã, comecei a contar-lhe por miudos a sombria allucinação que perturbára o meu primeiro somno.

No momento em que ia contar o *gesto* do padre offerecendo-me o manto e *antes que eu tivesse começado a frase*, abriu-se a porta da casa de jantar. Nanon entrando n'um raio de sol, com aquella familiaridade peculiar das amas dos priores, em meio da palestra, interrompendo-me, entregou-me um papel

— Aqui tem uma carta «muito *urgente*» que o correio rural trouxe agora para o sr. disse me elle.

— Uma carta! Pois já! exclamei, *esquecendo a historia*. É de meu pae. Que será isto? Dá-me licença, meu caro abbade?

— Pois não! respondeu me o abbade Maucombe, tambem já esquecido da historia e tomando magneticamente, parte no interesse que eu tinha em ler a carta. Pois não!

Abri-a.

Foi assim que o incidente da Nanon veio desviar, subitamente, a nossa attenção.

— Ora meu querido hospedeiro, disse eu, que contrariedade! Mal cheguei, tenho de me ir embora!

— Porque? perguntou o abbade de Maucombe, poisando a chicara sem beber.

— Mandam-me dizer que volte a toda a pressa, por causa d'um negocio, um processo de gravissima importancia. Cuidei que fosse julgado lá para dezembro; mas mandam-me aviso de que o será por estes quinze dias e, como só eu posso pôr em ordem os ultimos documentos que nos hão de dar sentença favoravel, tenho que partir!... Que aborrecimento!

— Positivamente é de aborrecer, disse o abbade, é de aborrecer!... Mas ao menos promettame que logo que isso acabe... O negocio grave é o da salvação: pensei tomar parte na sua, e assim seme escapa! Já eu cuidáva que Nosso Senhor o tivesse enviado...

— Meu caro abbade, respondi, deixo-lhe cá a minha espingarda. D'aqui a tres semanas estarei de volta e algumas por cá ficarei, se me quizer.

— Poi vá em paz, disse o abbade Maucombe.

— É que se trata de quasi toda a minha riqueza! murmurei.

— A unica riqueza é Deus! disse simplesmente Maucombe.

— E ámanhã como havia de eu viver se...?

— A' manhã já se não vive, respondeu.

Pouco depois levantámo-nos da mesa, consolados do contra-tempo por esta promessa formal de voltar.

Fomos passear para o pomar e visitar as dependencias do presbyterio.

Durante o dia inteiro o abbade mostrou-me, não sem um certo prazer, seus pobres thesoiros campestres. Depois, emquanto elle lia o breviario, passeei solitariamente pelos arredores respirando com deleite o ar vivo e puro. Maucombe, vindo ter outra vez comigo, contou-me longamente sua viagem á terra santa. Tudo isto nos levou até ao pôr do sol.

Desceu a noite. Depois de uma ceia frugal, disse ao abbade Maucombe:

— Meu amigo, o expresso parte ás nove horas em ponto. D'aqui até R*** levo pelo menos hora e meia. Preciso de meia hora para ajustar contas na hospedaria onde vou levar o cavallo; total, duas horas. São sete; vou deixal-o.

— Vou acompanhal-o um instante, disse o padre: *o passeio ha de fazer-me bem.*

— A proposito, respondi-lhe eu preoccupado, aqui lhe deixo a morada de meu pae com quem vivo em Paris, para se quizer escrever-me.

A Nanon pegou no bilhete e metteu-o na moldura do espelho.

Tres minutos depois, eu e o abbade deixavamos o presbyterio e seguiamos pela estrada. Eu levava o cavallo pela redea.

Eramos já como duas sombras.

Cinco minutos depois de sahirmos, uma neblina penetrante, chuva miudinha e muito fria, arrastada por um golpe medonho de vento, bateu-nos nas mãos e nos rostos.

Parei.

— Meu velho amigo, disse ao abbade, não, decididamente não consinto. Sua vida é preciosa e esta chuva glacial far-lhe-ha mal. Vá para casa. Olhe que esta molha póde ser-lhe perigosa. Vá para casa, peço-lhe.

Ao cabo d'um instante, o abbade. pensando em seus fieis, obedeceu ás minhas intimações.

— Levo uma promessa, não é verdade, caro amigo? disse-me elle.

E quando eu lhe estendi a mão:

— Espere, continuou. Tem muito caminho a andar e esta neblina é penetrante.

Teve um calafrio. Estavamos, um defronte do outro, immoveis, olhando-nos fixamente como dois viajantes com pressa.

N'este momento ergueu-se a lua sobre os pinheiros, por detraz das collinas, illuminando a charneca e os pinhaes do horizonte. Banhou-nos espontaneamente com sua luz melancolica e pallida, com sua chamma deserta e pallida. As nossas sombras e a do cavallo desenharam-se, enormes, sobre a estrada. — E do lado das velhas cruzes de pedra, longe — do lado das velhas cruzes arruinadas, que se erguem n'esse cantão da Bretanha, no alto do madeiramento onde poisam funestas aves fugidas da floresta dos Agonisantes — ouvi ao longe um *grito* de arripiar, o aspero e assustador falsete da gralha. Uma coruja de olhar phosphorescente, cujo clarão tremia no grande braço d'um roble, levantou vôo e passou entre nós, prolongando aquelle grito.

— Vamos! continuou o abbade Mancombe, eu cá d'aqui a um minuto estou em casa; por isso *aqui tem esta capa!* — Gosto muito d'ella!... muito! — accrescentou de maneira a nunca me esquecer. — Mande-m'a pelo rapaz lá da estalagem que vem á aldeia todos os dias. *Não se esqueça.*

E dizendo estas palavras, o abbade estendia-me a capa. Não lhe via a cara, por causa da sombra projectada pelo enorme chapéo de trez bicos; mas distinguia-lhe os olhos, que me consideravam com solemne fixidez.

Cobriu-me com a capa e acolchetou-a com um modo meigo e cuidadoso, emquanto eu, sem forças, fechára os olhos. E, aproveitando o meu silencio, voltou para casa. Desappareceu na curva da estrada.

Por certa presença de espirito — e um pouco tambem machinalmente saltei para cima do cavallo. E depois quedei-me immovel.

Eis-me finalmente só na estrada. Ouvia os mil murmurios do campo. Reabrindo os olhos, deparou-se me o céo immenso e lívido, por onde deslisavam monstruosas nuvens embaciadas, velando a lua, — a natureza solitaria. Entretanto não deixei de estar direito e firme, embóra, com certeza branco como um linho.

— Vamos, disse comsigo. Quietemos. Tenho febre e dei em somnambulo, eis o caso.

Quiz encolher os hombros; impediu-m'o um peso misterioso.

E logo, vindas lá do fundo horizonte, d'esses bosques infames, uma revoada d'aves nocturnas, com grande estardalhaço das azas, passou sobre minha cabeça, gritando horriveis syllabas desconhecidas. Foram poisar no telhado do presbyterio e na torre dos sinos, lá ao longe. E o vento ainda me trouxe os gritos d'ellas tristissimos. D'essa vez tive medo. Porquê? Quem m'o poderá dizer ao certo? Vi o fogo, muita vez as espadas dos outros tiniram na minha; tenho os nervos mais temperados, talvez, que os dos mais fleugmaticos e deslavados: mas, digo-o outra vez, muito humildemente, que d'essa vez tive medo e a valer. Criou-me isso para mim certa estima intellectual. Não tem medo d'essas coisas quem quer.

Por isso, silenciosamente, ensanguentei os flancos do pobre cavallo, e d'olhos fechados, de redea baixa, com os dedos crispados nas crinas, com a capa fluctuando nas minhas costas direito, senti que o galope do animal era tão violento quanto possivel; ia a toda a brida: de tempos a tempos meu surdo resmungar, junto de suas ovelhas, communicava-lhe decerto, por instincto, o horror supersticioso que a mim me dava calafrios, máo grado meu. Foi assim que cheguei em menos de meia hora. A bulha na calçada dos arredores da villa fez-me levantar a cabeça — e respirei!

— Até que emfim via casas! lojas illuminadas! os rostos dos meus similhantes por detraz dos vidros! Via gente que passava!... Era fóra finalmente do reino dos pesadêlos!

Na estalagem installei-me em frente d'um bello lume. A conversação dos carreiros pôz-me n'um estado quasi d'extasis. Se eu sahia da Morte! Olhei para a chamma por entre os meus dedos. Bebi um copo de rhum. Até que emfim reconquistára as minhas faculdades.

Sentia me de novo na vida real.

E até — devo confessal-o — envergonhado do meu terror panico.

Como, por isso, me senti aliviado, quando dei conta do recado do abbade Maucombe! Com que sorriso mundano examinei a capa negra entregando-a ao estalajadeiro! Dissipara-se a allucinação! Não se me daria de ser, como diz Rabelais, «o bom companheiro.»

Nada na tal capa me pareceu extraordinario nem sequer singular — apenas notei que era muito velha, remendada, recosida e dobroada de novo, tudo feito com exquisita ternura. Era sua grande caridade que levava, sem duvida, o abbade Maucombe a dar em esmolas o preço d'uma capa nova: foi a explicação que melhor achei.

— Nem de proposito — dizia o estalajadeiro: o moço deve logo ir á aldeia; não se demora; antes das dez horas terá entregue a capa ao sr. Maucombe.

Uma hora depois, no wagon. com os pés sobre o esquentador, bem embrulhado no meu capote reconquistado, fumando um bom charuto, dizia eu comigo, ao ouvir o silvo da machina:

— Afinal gosto muito mais d'este apito que do assobiar dos mochos.

Tinha uma certa pena, confesso-o, de ter promettido que havia de voltar.

E n'isto adormeci, por fim, com um somno muito socegado, esquecido completamente do que eu havia de chamar d'ahi por deante uma coincidencia insignificante.

Tive que demorar me seis dias em Chartres para colligir certos documentos, que depois me deram sentença favoravel no meu processo.

Emfim com o espirito cheio de idéas de papelada e de chicanas — e no abatimento da minha doentia melancolia — voltei a Paris, exactamente na noite do setimo dia depois da minha partida para o presbyterio.

Fui direito para casa, seriam nove horas. Subi. Meu pae estava na sala. Estava sentado, junto da mesa, allumiado pela lampada. Tinha nas mãos uma carta aberta.

Depois de meia duzia de palavras:

— Mal sabes, estou bem certo, que noticia me trouxe esta carta! disse-me elle. O nosso bom velho abbade Maucombe morreu depois que de lá sahiste.

Senti, ao ouvir estas palavras, uma commoção profunda.

— O quê! exclamei.

— Morreu, ante-hontem. pela meia noite, trez dias depois de haveres deixado o presbyterio. Frio que apanhou na estrada. Esta carta é da velha Nanon. A pobre mulher está, parece, de cabeça tão perdida, que duas vezes repete uma phraze... singular... que se refere a uma capa... Lê tu.

Deu-me a carta, que nos annunciava com effeito á morte do padre tão santo, e em que li estas simples linhas:

«Sentia-se feliz—foram suas ultimas palavras—de poder embrulhar-se á hora do ultimo suspiro e ser amortalhado na capa que trouxe da sua perigração á Terra Santa *e que tinha tocado no* SEPULCHRO.

## NECROLOGIA

### EUGENIO DE CASTILHO

Para a illustre familia Castilho o mez de janeiro de 1900 contem, pelo menos, duas datas importantes: a da morte de Eugenio de Castilho, succedida em 8 do corrente, e a do centenario do nascimento do notavel escriptor e pedagogo An-

tonio Feliciano de Castilho, passado em 26 do presente mez, e que, para honra de todos, foi solemnemente commemorado, não passando despercebido tanto no mundo das lettras como fóra d'elle.

Eugenio de Castilho, que devia contar cerca de 53 annos, era o filho mais novo do grande poeta fallecido, e irmão do actual Visconde de Castilho e do sr. conselheiro Augusto de Castilho.

Intelligencia lucida e clara, como é apanagio de tão nobre e talentosa familia, Eugenio de Castilho muito cedo entrou na vida litteraria. Aos vinte annos estreou-se com um romance original, *Miragens de felicidade*, que foi publicado na collecção *Jardim do Povo*. D'ahi por deante compoz e publicou varias poesias, collaborando como poeta e prosador em diversos jornaes.

Em 1868 fundara, de sociedade com um distinctissimo e intelligente typographo, Ascensão de Almeida, um periodico litterario e critico sob o titulo de *Folha dos Curiosos*, na qual collaboraram Antonio Feliciano de Castilho, seu pae, D. Antonio da Costa, Bulhão Pato, Zacharias d'Aça, João de Deus, Andrade Ferreira e outros escriptores de nome.

Embora sahindo em periodos irregulares a *Folha dos Curiosos* durou até 1869, formando um voluminho em quarto, de cento e tantas paginas e illustrado com algumas gravuras.

Em junho de 1868 publicou na *Lyra Portugueza* uma linda poesia intitulada *Pobre flôr!* com musica do maestro Francisco de Sá Noronha.

Em junho de 1872 fundou com Pedro Correia o *Diario Illustrado*, e n'elle collaborou, como n'outros jornaes d'esse tempo, dedicadamente.

A Eugenio de Castilho se deve a compilação de um *Diccionario de Rimas*, editado pela livraria Ferreira.

Cavalheiro de finissimo trato, Eugenio de Castilho tinha uma conversação animada e alegre, mas depois que a doença sobreveiu, lançou-se n'um voluntario affastamento de toda a convivencia, n'um invencivel isolamento, de profunda tristeza pelo pertinaz e incuravel mal de que padecia.

Eugenio de Castilho fôra empregado nas bibliothecas municipaes de Lisboa e exercera em commissão no Algarve o logar de administrador do concelho de Lagos.

Ahi, n'esse extremo do continente, perante a immensidade do mar, escrevia elle em julho de 1870 n'um seu caderno de poesias ineditas o seguinte pensamento:

Ás vezes vou sentar-me solitario
nas rochas escarpadas, contemplando
a grandeza de Deus no azul dos mares,
no azul dos céos, na vastidão do espaço
e sinto então na mente a ideia do infinito.

Então como sempre, é a natureza que mais o inspira. Datadas de Leiria e, um pouco antes d'aquella epoca, encontram-se no alludido caderno varias composições poeticas n'esse genero. É notavel a que dedicou ao pinhal da Corvachia, e lindissima esta *photographia* tirada em Cortes:

AO MEIO DIA!

O carreiro silvestre e melancholico
adeante do carro vae cantando
monotona toada que se entr'ouve
com os lamentos que as rodas vão soltando.
Os bois, com o seu olhar de bons e honrados,
vão seguindo o aguilhão e olhando em volta
namorados das hervas da encosta.
O sol a prumo sobre o campo espalha
muita luz que deslumbra! As azinhagas
solitarias e mudas áquella hora
admiram-se de ver os bois e o homem!

Ao poetico Liz tambem Eugenio de Castilho dedica no caderno referido uma formosa composição. Não resistimos ao desejo de a publicar; é a seguinte:

Á BEIRA DO LIZ

Antes de mim outra alma se enlevava
na limpida corrente d'este rio!
Outra lyra sonora, descantava
á sombra d'este bosque tão sombrio!

Era Rodrigues Lobo, o vate ameno,
o vate melancholico e saudoso
que escondido no valle ia sereno
co'as pastoras fallando affectuoso!

Aqui flores colhia, além nas aguas,
as lançava, pensando no Destino!
Depois contando á aragem suas magoas
arrancava da lyra um som divino.

Sois por elle immortaes: agoa corrente!
salgueiros da ribeira! ave canora
que poisas a cantar junto á nascente
emquanto vem rompendo ao longe a aurora.

Montes verdes, pinhaes da serrania,
vós fontes, claras fontes d'agua pura,
que escondidas fugindo á luz do dia
murmurando correis pela espessura!

Inda em torno de vós vejo pairando
o espirito do vosso vate amigo!
Saudoso d'este valle, anda pairando
á busca de gruta para abrigo.

Por onde o Acaso a elle lhe guiava
o passo incerto, á busca de verduras,
tambem eu meditando vagueava
quer no fundo do val, quer nas alturas.

Por toda a parte achei sitios risonhos,
casalejos na encosta alcandorados,
ribanceiras a prumo onde os medronhos
verdejavam nas penhas pendurados.

EUGENIO DE CASTILHO

FALLECIDO EM 8 DO CORRENTE

Cascatas espumando nos penhascos
transformando-se em perlas tumultuarias.
Profundos barrocaes onde os carrascos
e as tojeiras florescem solitarias!

Á tua namorada fiz um roubo,
do seio lhe roubei algumas flores!
Quero muito ao teu Liz, Rodrigues Lobo,
somos ambos rivaes n'estes amores.

Recebemos e agradecemos:

**A peste.** Com motivo d'este flagelo grande numero de publicações appareceram entre nós, umas de carater critico, prophylatico, e outras de simples especulação erudita. Entre estas ultimas noticiamos hoje dois trabalhos muito apreciaveis.

**Instrucções contra a peste** *no seculo XV, reedição d'um opusculo rarissimo da Bibliotheca d'Evora — Lisboa 1899.*

Um dos nossos mais distinctos investigadores teve a boa ideia de publicar este interessante opusculo, ao qual, em tempo se referiu um dos nossos mais antigos e conspicuos collaboradores, dando novos dados a respeito do seu auctor, frei Luiz de Ras, cujas noticias biographicas são escassissimas.

Era Frei Luiz de Ras, mestre em Santa Theologia, ministro dos frades menores e das religiosas de Santa Clara. Tendo-lhe chegado ás mãos um opusculo, onde se consignavam conselhos e instrucções contra a peste, escripto pelo bispo de Raminto, de Aruso, reino de Dacia, entendeu dever trasladal-o em vulgar, para beneficio dos seus patricios, publicando-o sob o titulo de *Regimento proveytoso contra ha pertenença* cuja descripção se póde vêr no *Diccionario Bibliographico Portuguez*.

D'esta raridade bibliographica, do principio do seculo XVI ou fins do seculo XV, impressa por Valentim de Moravia, ou Valentim Fernandes, existia o unico exemplar de que ha noticia na Bibliotheca d'Evora, onde se encontra em logar reservado, perfeitamente guardado, conservado e exposto ás vistas do visitante em uma das vitrines da sala que serve de museu.

Compõe-se o opusculo de 18 paginas não numeradas de 25 linhas, semi-gothico, em quarto, além das duas primeiras. D'estas duas uma é occupada pela gravura das armas portuguezas segundo a reforma de D. João II, e mais, apenas, pelo titulo.

A segunda pagina, a do reverso, exhibe um painel representando a Virgem com o Menino ao collo, aureolada, descendo sobre um campo em que ajoelha, e a adora, tendo deixado cahir um livro, uma figura d'homem em habitos talares, que se não pode julgar seja nem D. Raminto nem frei Luiz de Ras. Inferiormente lê-se uma invocação devota.

Um bom serviço prestou, pois, o operoso escriptor que se lembrou de reproduzir o raro opusculo.

**Revoadas de Peste Bubonica** *em Lisboa, nos seculos XVI e XVII. — Velharias recopiladas por Xavier da Cunha — Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa — CIϽ.IϽCCC.IC.*

É uma erudita rezenha, interessantissima, sobre noticias de peste bubonica em Lisboa, este voluminho, que se lê com subida curiosidade, porque o auctor soube dispor a materia d'uma forma clara, que instrue e agrada. Os excerptos de manuscriptos antigos que nos offerece, as notas com que os elucida, as considerações com o que os faz resaltar, tudo torna o livrinho muito apreciavel.

O nosso illustre amigo dr. Xavier da Cunha, com a publicação d'este seu estudo, quiz commemorar o fallecimento de Sousa Martins, e relembrar o seu brilhante papel no congresso de Veneza, a proposito da peste levantina, que tanto ameaça os povos europeus.

**Almanachs e calendarios — Almanach Hortense** *para 1900. Publicação annual da Sociedade de Beneficencia e Instrucção da Horta — Fayal.*

É este o primeiro anno que se publica o *Almanach Hortense*. Seja portanto bemvindo. Contem uma grande variedade de curiosidades astronomicas, pensamentos, anedoctas, etc., agradaveis e interessantes. Não deixaremos de distinguir devidamente um instructivo artigo do sr. E. G. da Costa sobre *A Ilha do Fayal*, em que se apresentam dados chorographicos, estatisticos, que muito gostámos de ler.